

PRODUÇÃO DE MINI-HISTÓRIAS À LUZ DE EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS CONTEMPORÂNEAS

Elaine Conte¹
Cristiele Borges dos Santos Cardoso^{2 3}

Conversas iniciais

No artigo são focalizadas experiências formativas vividas por professoras⁴ de Educação Infantil, mediadas por mini-histórias, em cursos de extensão voltados à formação de professores. No trabalho é explicitada a importância das mini-histórias tanto por seu potencial formativo, quanto por possibilitarem a divulgação do trabalho desenvolvido em creches e pré-escolas com as crianças pequenas. Ao evidenciar o potencial das mini-histórias na formação de professoras de Educação Infantil, o artigo torna-se relevante, também, para fundamentar outras práticas formativas com docentes dessa etapa da Educação Básica, sendo relevante por apoiar professores de Educação Infantil no desenvolvimento de mini-histórias. Ao estudar as mini-histórias e outras práticas diferenciadas possíveis na Educação Infantil, abordamos a necessidade da leitura de imagens, da documentação pedagógica e do uso de recursos visuais para realizar análises e pesquisas com crianças. Evidentemente, tais experiências não retratam a totalidade dos modos de ver e agir das práticas de mini-histórias em suas singularidades e diferenças, mas dá visibilidade a um recorte sensível para a *partilha do sensível* como forma de disposição estética (RANCIÈRE, 2009). Trata-se de explorar as possibilidades da documentação pedagógica, por meio de mini-histórias, como um processo formativo de busca por fontes variadas de conhecimento na primeira infância, tendo em vista o sentido de trabalhar pedagogicamente com crianças pequenas, que se transforma em encantamento e curiosidade epistemológica, para oferecer a essas crianças condições de fala e novas formas de conhecer e explorar o mundo, a partir de um trabalho pedagógico sensível aos corpos, percepções, ritmos e modos de dizer, reconhecendo por imagens como reagem a situações do cotidiano (SANTOS; CONTE, 2019). A relevância desse campo de experiência e linguagem estética (das imagens fotografadas) na Educação Infantil se desdobra “entre a potência de significação inerente às coisas mudas e a potencialização dos discursos

275

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade La Salle (UNILASALLE) e coordenadora do Núcleo de Estudos sobre Tecnologias na Educação (NETE/CNPq). Pesquisadora Gaúcha da FAPERGS. Graduada em Pedagogia e Mestra em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0204-0757> Contato: elaine.conte@unilasalle.edu.br

² Professora de Educação Infantil na Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo. Mestra em Educação pela Universidade La Salle. Possui o Ensino Médio na modalidade normal (Magistério), com habilitação para atuar como educadora nas áreas de Educação Infantil e Séries Iniciais; Graduação em Pedagogia pela Universidade La Salle, Canoas/RS; Especialização em Docência na Educação Infantil. É docente em escola participante do Observatório da Cultura Infantil – OBECI, coordenado por Paulo Fochi e membro do Núcleo de Estudos sobre Tecnologias na Educação - NETE/UNILASALLE/CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2756-9534> Contato: cristieleborges2@hotmail.com

³ Conflitos de interesses: Os autores declaram que não existem conflitos de interesses de qualquer natureza.

⁴ Assumimos aqui o termo “professoras” ao invés de “professores” de Educação Infantil, considerando que mais de 95% das profissionais que trabalham com crianças pequenas são mulheres.



e dos níveis de significação” (RANCIÈRE, 2009, p. 55). Aliás, “o regime estético das artes não começou com decisões de ruptura artística. Começou com as decisões de reinterpretação daquilo que a arte faz ou daquilo que a faz ser arte” (RANCIÈRE, 2009, p. 36).

Como se sabe, mini-histórias são breves relatos imagéticos e poéticos (de cuidado estético-expressivo) acompanhados de imagens oriundas da vida cotidiana das crianças na escola. O compartilhamento dessas mini-histórias com as crianças, famílias e a comunidade escolar é uma forma de conversar e comunicar aprendizagens de intensidade sensível, narrando e dando voz às crianças que aprendem através da curiosidade e da interação com o mundo. Começamos a escrita colaborativa das mini-histórias em 2017 e, desde então, ampliamos e aperfeiçoamos o nosso entendimento sobre esta abordagem de pesquisa na Educação Infantil, assim como das formas de (re)elaboração e reconstrução das mini-histórias. As mini-histórias vêm ganhando espaço e amparo legal, especialmente com a Base Nacional Comum Curricular, na etapa da Educação Infantil, projetada a partir da garantia de direitos de aprendizagem e do desenvolvimento dos campos de experiências na Educação Infantil, além de ser alvo de pesquisas nos últimos anos (BRASIL, 2017; FOCHI, 2015, 2019). As mini-histórias permitem a construção de conhecimentos visuais na infância que vão da leitura do mundo e documentação à narração por imagens.

Nas palavras de Nóvoa (1996, p. 17), “a inovação só tem sentido se passar por dentro de cada um, se for objeto de reflexão e de apropriação pessoal”. Daí a necessidade de buscar, com esta estimulação por projetos de formação permanente de professoras, alternativas para pensar e criar novas metodologias de ação ao trabalho pedagógico, de educar-se, de formar-se, de ler imagens e de aprender com os outros nas múltiplas possibilidades dos sujeitos ativos da aprendizagem. A apropriação dos conhecimentos no campo da Educação Infantil envolve aspectos em que a racionalidade se mistura com a pragmaticidade e a emocionalidade, em que as atuações são utilizadas para a compreensão do (re)conhecimento e da leitura da realidade. Nesse contexto, Miranda (2012, p. 17) defende a pesquisa-ação como um processo de “ação-refletida, resultante do movimento de pensar sobre o real tendo como ponto de partida os seus problemas, e como ponto de chegada a proposição de ações intervencionistas”. Tal procedimento metodológico permite avaliar o impacto das mini-histórias em experiências pedagógicas, bem como orientar e criar estratégias para promover novas abordagens com a sua inclusão/problematização das condições para pensar a realidade. Mas, como indaga André (2008, p. 55), “que condições têm o professor que atua nas escolas, para fazer pesquisas” e participar de processos de formação permanente por meio de reflexões mais aprofundadas como um pesquisador e agente de mudanças, que ressignifica conhecimentos, por perspectivas arraigadas cada vez mais em seu trabalho cotidiano?

Tudo indica que compartilhar essa proposta traz inquietações e dúvidas de profissionais da educação relacionados ao tema. No entanto, experimentar as pesquisas com mini-histórias desde a Educação Infantil provoca o olhar do professor sobre o próprio trabalho pedagógico e desacomoda-o nas metodologias em sala de aula. Projetar ações e fortalecer novas metodologias se apresenta como um convite para a produção do conhecimento e para dialogar sobre o tema com professores em constante formação. Trata-se de uma oportunidade de ensinar e também de aprender, pois ensinar é um processo indissociável do aprender. O objetivo das oficinas sobre mini-histórias não era oferecer algo pronto em

forma de um manual de como produzi-las, mas justamente de gerar o processo formativo e reconstrutivo presente na própria prática pedagógica e na escrita delas. O professor pesquisador pode encontrar-se com a Educação Infantil que gera o reconhecimento profissional desde a infância. Além das oficinas apresentadas e ilustradas ao longo deste ensaio, também estão relatados os desdobramentos dessa atuação nas participações em fóruns da Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo, em 2017, 2018, 2019 e 2020. Apontamos como ocorreram as oficinas pedagógicas e os debates em torno das inquietações metodológicas desta investigação na Educação Infantil, assim como seus desdobramentos e reflexões nos processos formativos e pedagógicos com as mini-histórias que envolvem a leitura de imagens, a linguagem fotográfica, o aprender a ver, o design da informação, a restituição das vivências, as memórias, a narrativa e a crônica dentre outras temáticas.

Processos pedagógicos *versus* oficinas de mini-histórias

O enfoque metodológico da pesquisa-formação (JOSSO, 2006) serviu de base para a reflexão sobre a prática (da tradução e construção), tendo por base as observações que supõe ao mesmo tempo separação e comunicação, cujos elementos observáveis das oficinais foram registrados nesse ensaio, a fim de compreender e projetar narrativas (auto)formativas. As discussões das oficinas aqui elencadas foram orientadas por três momentos pedagógicos, com o objetivo principal de produzir noções básicas e o reconhecimento das mini-histórias nos processos pedagógicos da Educação Infantil. As educadoras concordaram em participar de forma voluntária do estudo e autorizaram o uso de imagem para fins de divulgação científica.

O processo de formação ocorreu na Universidade La Salle, em 2018, por uma equipe interdisciplinar de professores e promovida pelo Núcleo de Estudos sobre Tecnologias na Educação (NETE/CNPq⁵). Na tentativa de compartilhar experiências com as tecnologias na educação e refletir sobre a importância da democratização dos conhecimentos, desde o primeiro encontro com os participantes concordamos em fazer uma narrativa visual da própria formação que descrevesse o que havia ocorrido nesse período, com o objetivo de compartilhar saberes com outros públicos. O processo de documentação visa a construção de sentidos em meio às tecnologias educativas na complexidade do agir pedagógico, do que é apreendido e tecido junto. Vale destacar que tais experiências foram desenvolvidas com vistas ao próprio processo de formação e discussão das temáticas de educação estética e vida sensível que estão por vir, e não para o registro e documentação. Acrescentamos que o trabalho pedagógico com mini-histórias enquanto campo de experiência coletiva pertence à lógica do professor comunicacional, artista, de autonomia estética, e escritor sensível, pois “valoriza-se a determinação da arte como forma e autoformação da vida”. (RANCIÈRE, 2009, p. 39).

Nesta proposta organizada em forma de Curso de Extensão, a partilha de conhecimentos ocorreu por meio de um ciclo de formações composto por dez encontros e teve como público-alvo um grupo criado por demanda espontânea, e composto por 10 professores da rede pública de ensino, 10 estudantes de graduação (estagiárias do curso de Pedagogia) e 10

⁵ Disponível em: <https://nete.unilasalle.edu.br/> Acesso em: 16 mar. 2022.

estudantes da pós-graduação, além dos professores responsáveis pelas oficinas. Na tentativa de dar continuidade às oficinas de formação permanente, a professora responsável pelo curso organizou ao longo de 2019 uma coletânea de ensaios com as temáticas das oficinas, tendo em vista a necessidade de dar visibilidade ao trabalho colaborativo na proposição de projetos entre os professores com a exploração das metodologias com crianças na escola. Tal possibilidade de compartilhamento de conhecimentos e experiências pedagógicas no cotidiano escolar gerou este trabalho aqui descrito.

Além disso, cabe destacar que a documentação consiste em uma educadora fotografando com um celular cenas de interações das crianças no cotidiano na Educação Infantil, para posterior registro em forma de narrativa do episódio vivido pelas crianças entre elas, com os objetos ou com o meio ambiente. Embora o professor esteja envolvido no projeto pedagógico com as crianças prezando o cuidado, o acompanhamento e o educar, seu papel na Educação Infantil precisa também estar focado na documentação, para que a família, a escola e a comunidade possam reconhecer o plano formativo nesta etapa da criança. Isso significa que no momento do registro o professor não interfere nas discussões entre as crianças, mas dá voz e autoria à criança em sua própria ação no mundo. No entanto, essa documentação agrega também a subjetividade do olhar pedagógico no tempo/espaço escolar. Isso significa que o educador precisa ser seletivo para escolher ou tentar capturar, por meio de fotografias, as cenas mais significativas do desenvolvimento de cada criança.

Os processos de formação, ensino e aprendizagem na Educação Infantil normalmente são de docência compartilhada nas turmas, o que colabora na realização da abordagem de produção cooperativa com mini-histórias. As primeiras condições para a documentação pedagógica da narrativa visual com mini-histórias são de que o espaço escolar esteja organizado de modo convidativo para o brincar e o explorar das crianças, assim como foi a oficina pedagógica desenvolvida, ou seja, com algumas mini-histórias espalhadas pelo ambiente. Participaram da primeira oficina dez educadoras, na sua grande maioria professoras do município de Canoas e/ou rede privada. Inicialmente, contamos um pouco sobre a história de vida com base na prática com mini-histórias na Educação Infantil e como vem sendo desenvolvida historicamente e reelaborada na própria prática investigativa e pedagógica. Em seguida, partimos para um outro processo que foi a prática experimental da oficina para explicar um processo de formação e construção de uma outra narrativa visual que, ao mesmo tempo, era o processo de analisar as evidências da documentação.

Nesse sentido, foram levadas algumas sequências de fotos impressas de crianças de uma turma (com autorização de seus responsáveis) e foi lançada a proposta de que em folhas A3, em duplas ou trios, as participantes produzissem mini-histórias e contassem a história expressa por meio das imagens. Mas, como construir uma narrativa visual interpretada? Nesse processo levamos em consideração os seguintes passos: a) recuperar o conhecimento implícito nas fotografias e tentar imaginar uma conversa; b) tornar a imagem visual (de sequências fotográficas) uma construção narrativa e poética à elaboração pedagógica (uma investigação sobre as possibilidades de narração); c) descobrir os conhecimentos produzidos pelas crianças na interação fotográfica apresentada e os assuntos envolvidos em sua construção (edição por parte dos professores participantes), para assim reescreverem a mini-história com uma linguagem compreensível; d) Em relação à formalização visual da mini-história priorizar a escrita de um texto curto, comunicativo e atrativo para todas as pessoas.

Com base em Sánchez (2013), entendemos a *imagem como um dispositivo* que permite causar estranhamentos, simulações, representações da realidade, (re)conhecimentos, narrativas, que podem ser resgatadas pela abertura ao outro, conversando, identificando vozes da infância, ideias, conceitos, enfim, algo que se alinha ao processo de formação. A partir disso, “trata-se, nesse regime, de saber no que o modo de ser das imagens concerne ao *ethos*, à maneira de ser dos indivíduos e das coletividades. E essa questão impede a *arte* de se individualizar enquanto tal”. (RANCIÈRE, 2009, p. 29). Os passos mencionados acima foram acontecendo simultaneamente durante o processo de visualização das fotografias, leitura de imagens e escrita da mini-história proposta. Neste ponto, enquanto procurávamos referências sobre a temática, aprendíamos novos modos de narração visual com as participantes (em sua maioria professoras) e construíamos esse relato a partir dos momentos-chave resgatados de cada uma das experiências desenvolvidas com as oficinas.

A partir dos registros fotográficos e da documentação pedagógica dos diferentes processos de formação foi possível construir essa conversação das experiências com mini-histórias. Após a produção narrativa do que comunicavam esses registros fotográficos das crianças, mostrando atitudes e expressões vividas no cotidiano escolar, as professoras foram convidadas a apresentar o relato narrativo e imagético produzido.



Fonte: Imagens de acervo pessoal (2018).

Ainda, na Universidade La Salle, em 2019, ministramos a mesma oficina, junto à disciplina de Ação docente na Educação Infantil (0 a 3 anos), na condição de palestrante da aula “Experiências de Mini-Histórias na Educação Infantil”. A oficina teve uma apresentação inicial da proposta, contextualizando essa abordagem por meios de teóricos do Brasil e do exterior que investigam a temática e, na sequência, desenvolvemos a aplicação prática com mini-histórias em pequenos grupos, a partir de imagens das crianças atuando em contextos do cotidiano escolar. Vale ressaltar que o diferencial desta oficina foi que produzimos um outro desfecho final para a oficina. A intencionalidade foi contrastar as mini-histórias produzidas na aula com as que já havíamos produzido com as mesmas sequências de imagens. O objetivo foi apontar que cada professor tem um olhar sobre as situações observadas e que essa perspectiva está diretamente ligada à ideia que o professor tem da cultura da infância e das percepções pedagógicas acerca do trabalho com as crianças.



Fonte: Imagens de acervo pessoal (2019).

Outras duas oficinas foram ministradas em diferentes escolas infantis, públicas, do município de Campo Bom/RS. Uma das escolas foram as professoras que mobilizaram esforços com a gestão escolar para solicitar a oficina por necessidade de conhecer um pouco mais sobre essa proposta, e a outra escola foi a equipe diretiva que fez o convite. Apresentamos de forma teórico-prática como na primeira oficina as vivências das mini-histórias, mas a parte da experimentação modificamos um pouco. Tratando-se de um grupo específico de uma escola, solicitamos, com antecedência, que as professoras levassem fotos digitais com sequências de imagens de crianças de sua turma e um *notebook* para a produção das mini-histórias. A modificação foi pensada para contemplar e incluir o contexto da escola, visto que na experiência anterior as participantes não conheciam as crianças e não tinham presenciado a cena. Assim, a prática teria mais sentido e contemplaria o exercício da produção conjunta de mini-histórias. Além disso, as participantes poderiam aproveitar o que haviam produzido para usar na composição dos registros das crianças.

280



Fonte: Imagens de acervo pessoal (2019).

Em outra oportunidade, em uma escola da Rede Municipal de ensino de Novo Hamburgo/RS, partilhamos, em 2019, a experiência prática com as mini-histórias. Nesta escola, a comunicação e oficina ocorreram como nas escolas de Campo Bom/RS onde apresentamos um breve relato e um vídeo para contextualizar as mini-histórias. Neste encontro, as professoras trouxeram imagens das crianças de suas respectivas turmas, para pensarmos enredos e formas de produzir escritas em (co)autoria e articulação com as imagens.



Fonte: Imagens de acervo pessoal (2019).

No desenvolvimento das oficinas criamos um roteiro baseadas na própria experiência de trabalho com as mini-histórias, buscando formas de traduzir metodologicamente a produção destas na escola. Fochi (2019) apresenta também um pequeno guia de como escrever uma mini-história. A seguir, elencamos um guia de sugestões para dar os primeiros passos nessa abordagem, com base em nossas reconstruções pragmáticas.

- Promova experiências ricas no mundo e com materiais diversos, em conjunto com as crianças (GANDINI, 2019).
- Pergunte às crianças o que elas veem, pensam e sentem, bem como questione sobre as compreensões que têm das experiências.
- Registre cenas do cotidiano das crianças, sequência de fotos que mostrem atitudes, interações, narrativas, olhares, situações da vida real, expressões...
- Observe as crianças, perceba, faça os registros e escolha algo para contar. Busque identificar um fio narrativo que ajude na construção do texto.

- Reconheça que todas as linguagens expressivas, cognitivas e comunicativas das crianças se formam por reciprocidade e se desenvolvem por meio de experiências (GANDINI, 2019). “É essencial preservar nas crianças (e em nós mesmos) o sentido de encantamento e surpresa, pois a criatividade, assim como o conhecimento, é filha da surpresa”. (GANDINI, 2019, p. 36).
- Reconheça as possibilidades da criança em construir novas formas de linguagem, constituindo-se coautora na participação da aprendizagem em suas variações históricas e socioculturais (GANDINI, 2019).
- Organize as imagens em um *slide* de *Power Point*. Atente-se ao *layout*, ou seja, para a disposição do texto e imagens.
- Comece a escrever, inicialmente em forma de texto descritivo e depois volte e escreva com o sentido pedagógico dessa vivência.
- Leia e pense sobre o que você escreveu, se estas palavras acolhem a complexidade da lógica da troca e do compartilhamento na ação das crianças.
- Ofereça para alguém ler e observar se o texto está claro e criativo, ou se a colega tem alguma sugestão para modificação. Reescreva se for necessário.
- Salve em formato *JPEG*. Imprima e compartilhe em um lugar visível para que os colegas, familiares e crianças possam visualizar. Publique digitalmente na rede social da escola para adquirir mais conhecimento pedagógico interpares e sentido socioeducacional. Além das oficinas com as mini-histórias, partilhamos a experiência e desdobramentos delas em fóruns de 2017, 2018 e 2019, da Rede Municipal de ensino de Novo Hamburgo/RS, que abre espaço anualmente para a socialização das práticas educativas. O relato apresentado em 2018, foi publicado em 2019, na Revista Saberes em Foco, produzido pela Secretaria Municipal de Educação de Novo Hamburgo (SMED). As imagens abaixo são do acervo pessoal da pesquisadora.

282





Fonte: Imagens de acervo pessoal (2019-2022).

Uma maneira de olhar para o mundo

Os encontros resultaram em inspiradoras conversas entre educadoras. Na primeira experiência, as participantes demonstraram bastante interesse e entusiasmo, mas destacamos ser necessário esforço para envolver e mobilizar os professores que atuam nas escolas de Educação Infantil em cursos de extensão. Acharam difícil começar a escrita pois não sabiam por onde começar e não possuíam o hábito da escrita em coautoria. Relataram que encontraram dificuldade visto que não conheciam a criança e não sabiam o que ocorreu de fato nesses momentos flagrados pela sequência de práticas. Realizaram relatos diversificados, alguns mais poéticos, outros mais descritivos e objetivos. Alguns curtos, outros mais extensos. Mas ficaram orgulhosas no momento de apresentar e socializar o resultado para o grande grupo.

283



Fonte: Imagens de acervo pessoal (2018).

Frente a isso, discordamos da hipótese de que as imagens falam por si mesmas, e em relação à produção de mini-histórias, as interpretações narrativas e ponderações são condicionadas por percepções e valores constitutivos do horizonte da própria vivência prática. Ao refletir sobre o apontado pelas educadoras na primeira experiência, nas escolas de Campo Bom/RS, resolvemos partir do contexto da escola, aproximando a prática do trabalho pedagógico. É uma perspectiva de epistemologia socioconstrutivista que ganha legitimidade no variado terreno dos conhecimentos pedagógicos, das construções sociais e das práticas humanas. Na escola onde as educadoras solicitaram a oficina, a prática foi bem aceita, com entusiasmo e alegria, envolvendo os múltiplos agentes do conhecimento. Demonstraram satisfação em expressar as narrativas com base nas imagens e conseguiram realizar plenamente o que foi proposto. Na outra escola, onde a equipe diretiva idealizou e agenciou a proposta foi um pouco diferente a recepção do grupo. Algumas participantes demonstraram interesse e ficaram felizes. Outras pareciam desmotivadas e não conseguiram concluir a atividade proposta no dia. Em relação à tecnologia, ficou evidente que algumas profissionais não sabiam lidar com ferramentas simples como *Power Point* e edição de imagens. Esse fato chamou a nossa atenção, visto que a tecnologia está tão presente no cotidiano das pessoas, mas ainda não sabemos usar os *softwares* básicos⁶. Na escola da rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo/RS, as professoras estavam motivadas e com muitas dúvidas sobre a escrita. Conversamos que não existia uma verdade textual a ser seguida, mas que algumas coisas deviam ser observadas como forma de organização da escrita. Tal delimitação e ordenação escrita pode ser comparado ao que Rancière (2009, p. 30) identifica no par *poiesis/mimesis*:

O princípio mimético, no fundo, não é um princípio normativo que diz que a arte deve fazer cópias parecidas com seus modelos. É, antes, um princípio pragmático que isola, no domínio geral das artes (das maneiras de fazer), certas artes particulares que executam coisas específicas, a saber, imitações. Tais imitações não se enquadram nem na verificação habitual dos produtos das artes por meio de seu uso, nem na legislação da verdade sobre os discursos e as imagens.

284

Neste dia, pensamos juntas alguns possíveis enredos a partir das imagens que trouxeram. Posteriormente, acompanhamos a produção dessas mini-histórias das participantes, por meio do *Facebook*⁷ da escola.

⁶ Os referidos *softwares* básicos se tratam do pacote *Office da Microsoft*, em específico *Word*, *Excel* e *Power Point* considerados imprescindível a utilização destes softwares no cotidiano do trabalho em escritórios.

⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/emei.joaninha> Acesso em: 16 mar. 2022.

Mini-história produzida em uma oficina do município de Campo Bom/RS



Cozinhar é uma arte!

Na educação infantil o lúdico e as brincadeiras de faz de conta estão sempre presentes no cotidiano das crianças. Num fim de tarde, Alice teve uma grande ideia quando avistou uma panelinha em meio aos brinquedos. Após alguns minutos de observação e tentativas de acertar a tampa da panela, encontrou a tampa correta para preparar sua comidinha.



Alice preparou em sua panelinha uma deliciosa comidinha oferecendo para todos os amigos da turma.



Criança: Alice
Imagem: Hana
Texto: Profes N2-A
Data: Março/2019

Fonte: Imagens de acervo pessoal (2019).

285

Mini-história produzida a partir da oficina realizada na rede municipal de ensino de Novo Hamburgo/RS

A ÁRVORE QUE ENCANTA



Laura observando em silêncio com seu olhar vivo, penetrante, e sem medo de demonstrar suas emoções, como uma exímia pesquisadora avalia cada segundo de contato com a natureza, em busca de respostas para algumas hipóteses que estariam passando por sua cabeça. Para quem apreciava este momento de fora, pareciam horas, horas aquelas que poderiam descrever a magia do contato ali vivido. Em um instante Laura olhou para o lado e chamou sua colega Amanda para dividir junto com ela o que a encantou. Talvez pensou que juntas conseguiriam investigar melhor. O que será que tinha nesta árvore, que encantou tanto Laura e Amanda? Doce mesmo, é o olhar de uma criança, é ver o poder da criação e da sua criatividade.



Crianças: Laura e Amanda

Faixa Etária: 2A

Texto e Fotos: Júlia Santos



Fonte: Imagens de acervo pessoal (2019).

Na partilha de experiências sempre aprendemos, pois, professores estão em constante aprendizado em suas relações com as crianças – artistas de cem linguagens em seus ateliês, “onde há tempo para olhar e escutar, para a liberdade de expressão, e onde existe o compromisso de aprofundar as questões que devem ser abordadas: as próprias qualidades de criatividade, imaginação, expressividade”. (GANDINI, 2019, p. 17). Assim, na oficina realizada com o grupo de estudantes da disciplina de Ação docente na Educação Infantil fui levada a pensar sobre diversos aspectos, sendo um deles os diferentes olhares que podemos ter diante da mesma situação e das mesmas crianças. Discutimos sobre isso a partir da comparação das mini-histórias produzidas pelos graduandos e a produzida pela professora da turma, que visualizou e realizou a produção da sequência fotográfica da criança. Não se trata aqui de juízo de valor, mas de visões diferentes acerca do mesmo fato, da posição dos participantes, que revela a diversidade e as tensões que podem surgir durante o processo. Também é interessante observar que os estudantes de Pedagogia normalmente têm uma ideia romantizada das crianças. A revisão crítica dessa aula nos fez ver que muitos perceberam as mini-histórias como uma escrita inventiva, com muitas metáforas, não dando-se conta de olhar para a criança como um sujeito real.

Mini-história produzida na oficina por um grupo de estudantes a partir das imagens e contextos disponibilizados



Gabriel que nos uniu às
duas mãos cominhos, conseguiu
nadar e desenvolver nojinhos.



No início tudo era grande, Gabriel
vivia em um mundo de gigantes.
Um pesquisador incessante em busca
da porção mágica para crescer.



Até que um dia descobriu uma máquina
que além de fazê-lo crescer o ajudava
a se destacar bem mais rápido.

Na realidade, Gabriel era o garoto que voou antes
de andar.

Fonte: Imagens de acervo pessoal (2019).

Mini-história produzida em coautoria em uma turma de docência compartilhada

A conquista de Gabriel



Ao longo deste semestre Gabriel conquistou a marcha, e gradualmente seus movimentos lhe possibilitaram uma liberdade maior de deslocamento. Isso contribuiu para que de forma mais autônoma pudesse eleger espaços para brincar. Neste dia, o escorregador foi seu foco de interesse. Com muita determinação aproximou-se, e começou a escalar. Parecia ser um longo caminho, mas Gabriel estava disposto a tentar. No meio do percurso, me procura com o olhar. Eu, e os outros professores que acompanham a cena, o incentivamos a continuar.



Quando Gabriel chega lá no topo, sorri euforicamente realizado com sua conquista. É chegado o momento de escorregar. Para nossa surpresa, encontra uma forma rápida de descer. Impulsiona-se e vira-se de bruços, e quando chega lá embaixo sorri novamente satisfeito. Levanta-se e vai novamente várias vezes. Presenciamos toda esta aventura, felizes em ter o privilégio de participar do crescimento de Gabriel.

Que assim como Gabriel, tenhamos sempre um sorriso largo no rosto para experimentarmos o gosto doce que a vida tem.



Criança: Gabriel
Imagens: Cristiele
Texto: Bruna, Cristiele
e Joandre Turma FE1
Julho/2019



Fonte: Imagens de acervo pessoal (2019).

Tanto os autores brasileiros quanto os italianos que abordam e desenvolvem o trabalho na perspectiva da cooperação, do raciocínio das cem linguagens das crianças e da produção de sentido com as mini-histórias provocam nossas próprias transformações profissionais e dos membros da comunidade de aprendizagem. Nesse cenário, tal proposta tem gerado a participação do trabalho na Educação Infantil e alguns movimentos de compartilhar histórias na educação básica brasileira. Em sentido contrário aos discursos de vocação e da tendência materna inata para ensinar, ser professora representa uma escolha profissional repleta de saberes culturais e concepções epistemológicas, que demanda uma mobilização de conhecimentos ainda maior na vida contemporânea em diálogo com a Educação Infantil e o trabalho investigativo nesse campo. Para complementar a construção histórica dos saberes da profissão na perspectiva da Educação Infantil e na sua historicidade, cabe destacar uma *live*⁸ da professora Maria Carmen Silveira Barbosa, que contextualiza as teorias e práticas no Brasil. Segundo a professora, aprendemos mais na infância do que ao longo de toda nossa existência. Andar, falar e pensar são importantes conquistas humanas que a criança desenvolve nos primeiros três anos de vida. Neste período, constituímos as bases cognitivas, emocionais, sensoriais e morais. Somos condicionados, mas não determinados, mascarados pelas influências socioculturais, incompletos, imperfeitos, mas, ao mesmo tempo, sujeitos de

⁸ Disponível em: <https://youtu.be/peHwNqJwuzs> Acesso em: 16 mar. 2022.

possibilidades e de ação transformadora que são apreendidas desde que fomos gerados até o tempo presente, em uma contínua experiência formativa.

A produção colaborativa de mini-histórias se articula bem com a prática, dando a ver um laboratório de aprendizagem, em um processo que é autoeducativo, aos professores da Educação Básica, colocando em atividade novas perspectivas de engajamento, de interdisciplinaridade, de socializações coletivas, originadas através de ações de escrita e de leitura que primam pela curiosidade epistemológica que se quer aberta, arejada e disposta a conhecer, a explorar e a (re)inventar novos mundos. Tal reconhecimento contribui para dar ainda mais visibilidade à prática com as mini-histórias, pois colocamos em evidência a voz das crianças, o protagonismo de suas experiências cotidianas, que nos aproxima de um trabalho vivo com a Educação Infantil, conforme os registros abaixo.



Fonte: Imagens de acervo pessoal (2019-2021).

Discussões e formas de expressão

Com a prática realizada algumas discussões são relevantes, no sentido de identificar que as experiências com mini-histórias (assim como o ateliê) têm um efeito importante, provocador e perturbador sobre ideias didáticas ultrapassadas (GANDINI, 2019). Para isso, o professor precisa estar em constante formação, que implica inclusive sedução estética e narrativa, princípio centrado no cuidado com o outro, na escolha de materiais inteligentes, na harmonia estabelecida em combinações entre os mesmos, para que ocorra caminhos possíveis a investigações, experiências, tentativas e aprendizagens lúdicas significativas, com ressignificados e atualização do próprio trabalho pedagógico. Superar a acomodação e os pretextos para justificar a falta de comprometimento com a cultura da infância exige do professor o planejamento de ações e espaços para a aprendizagem das crianças enquanto garantia de práticas inventivas que façam sentido para as crianças, famílias e a comunidade. É possível desenvolver práticas dentro do contexto com intencionalidade educativa e conhecimento epistemológico, refletindo sobre o que se está fazendo na prática e não apenas reproduzindo o que sempre se fez nas escolas de Educação Infantil. É cada vez mais necessário que toda a criança seja respeitada em seu protagonismo infantil de ser ativo na construção do seu processo de aprendizagem. Isso engloba as possibilidades relacionadas à escolha das materialidades e interações, bem como o respeito ao tempo e ao processo das aprendizagens na infância, da *escuta sensível* do educador diante de sua fala, gestos e comportamentos (do corpo como um todo) da criança no cotidiano escolar.

Outro ponto que merece atenção é o fato da motivação pessoal e profissional do educador. As oficinas tiveram mais sucesso e envolvimento com as participantes que buscavam formação e novos conhecimentos por interesse gerado pelo próprio trabalho. A ressignificação de saberes no cotidiano escolar assusta, pois pressupõe sair da zona de conforto e criar com as próprias mãos, um lugar de sensibilização, exploração, um ambiente escolar planejado para conectar as crianças com o mundo. Contudo, é extremamente gratificante quando podemos olhar para trás e ver o quanto avançamos no trabalho profissional, ou seja, como professor que valoriza a bagagem cultural de cada educando em sua singularidade, o tempo e o espaço para a criação conjunta na escola, bem como para a potencialização do brincar simbólico e a contemplação de todos os *campos de experiência*, por meio das mini-histórias (BRASIL, 2017).

O olhar que se tem em relação à infância e as crianças influi diretamente na construção dos registros. A forma como o professor descreve determinada situação conta por vezes muito sobre sua prática pedagógica e no que acredita. As mini-histórias enquanto registros das histórias vivenciadas nas infâncias refletem também o profissional, suas escolhas e formas de narrar aquela criança em ação, alcançando as mais variadas áreas do conhecimento humano. Os mecanismos de reprodução cultural e social, acentuados por meio das tecnologias (textos, fotos, imagens digitais), desde a Educação Infantil precisa cooperar com a reinvenção de todas as esferas sociais. A escola não pode continuar sendo o local que nega, que foge do diálogo com esse importante meio de comunicação e socialização de aprendizagens. É emergente que os profissionais da educação saibam mediar esses mundos e usar as tecnologias em benefício do desenvolvimento e da educação integral da criança à produção do conhecimento social.

As singularidades das experiências

Assim, o papel da documentação pedagógica e da narrativa visual e poética realizada com as experiências colaborativas aqui descritas foram utilizadas para a investigação, servindo como estratégias de produção de conhecimentos para produzir e contar histórias, além de desvendar os processos de compreensão das narrativas visuais como dispositivos de engajamento e (co)autoria. Algumas questões acerca das singularidades das experiências pedagógicas desenvolvidas com mini-histórias vêm à tona. Afinal de contas, como e por que documentar os processos de formação desde a Educação Infantil? Como desenvolver o olhar investigativo na Educação Infantil? No que impacta o comprometimento pedagógico e o trabalho conjunto para a busca de sentido da cultura infantil? “Pode-se falar do *agir humano* em geral e nele englobar as práticas artísticas, ou estas constituíram uma exceção às outras práticas?” (RANCIÈRE, 2009, p. 63). Talvez um passo importante para o processo formador esteja no encontro comunicativo com o outro pela cultura da infância, no sentido de estimular a partilha do sensível que dá forma à comunidade de investigadores, com práticas educativas repletas de expressão e (co)autorias. Os exemplos aqui discutidos, em cada oficina, são evidentemente uma pequena amostra de tentar desenvolver a autoria dos participantes, dando a oportunidade de compartilhar práticas e aprender junto em meio aos desafios da atualidade. Esse processo despertou a *criatividade como qualidade do pensamento* e o desejo pela formação permanente de professores (GANDINI, 2019). Precisamos investir esforços e estudos para compartilhar conhecimentos na prática pedagógica cotidiana, pois vemos nos cursos de formação universitária a inexistência de professores identificados com as experiências da realidade escolar. Teoria sem prática torna-se um abstracionismo pedagógico descontextualizado. Formação profissional sem prática sociocultural não faz sentido. Por acaso, um médico em formação é ensinado por um professor de medicina que nunca operou alguém? Da mesma forma, professores de graduação, especialização e outros cursos precisam saber do que estão falando, e também precisam buscar atualização constante, realizando pesquisas dos contextos educacionais que são moventes e (re)construídos a todo instante. As mini-histórias projetam experiências complexas de interação humana, comunicação dos contextos vividos e confirmam sua autenticidade e relevância ao serem reconhecidas e potencializadas na produção pedagógica interpares. Se faz extremamente necessário compartilhar as práticas desenvolvidas na Educação Infantil, para inspirar outros profissionais a desenvolverem um trabalho mais respeitoso e honesto com as crianças. Soma-se a isso, o fato da valorização da Educação Infantil que só ocorrerá se o professor tiver coragem de buscar formação constante, estar em posição de aprendiz e cultivar saberes epistemológicos da profissão para narrar seus percursos formativos, tornando-se um professor pesquisador junto às crianças. A ideia das mini-histórias precisa ser construída na estrutura mental de um educador que saiba escutar, tirar o invisível de todas as linguagens (oral, corporal, de estar com o outro), dando vida ao trabalho pedagógico realizado na Educação Infantil, pois nessa etapa relacionamos aprendizagens para a vida. Nós precisamos estar crescendo em apropriação criativa nas próprias situações contingentes, nos olhares e nas experiências formativas, sob pena de recairmos num intelectualismo sem sentido e valor

para o ser humano vivo e a viver neste mundo, também capaz de ser infinitamente enriquecido pela exploração do vínculo cultural com as histórias dos outros.

Referências

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2008.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf Acesso em: 30 nov. 2019.

FOCHI, Paulo Sergio. **Afinal, o que os bebês fazem no berçário?** Comunicação, autonomia e saber-fazer de bebês em um contexto de vida coletiva. Porto Alegre: Penso Editora, 2015.

FOCHI, Paulo Sergio. **Mini-histórias: rapsódias da vida cotidiana nas escolas do Observatório da Cultura Infantil - OBECI**. 1. ed. Porto Alegre: Paulo Fochi Estudos Pedagógicos, 2019.

GANDINI, Lella. Do início do ateliê aos materiais como cem linguagens: pensamentos e estratégias de Loris Malaguzzi. In: GANDINI, Lella et al. (Orgs.). **O Papel do Ateliê na Educação Infantil: a inspiração de Reggio Emilia**. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2019. p. 27-38.

JOSSO, Marie-Christine. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 373-383, mai./ago. 2006.

MIRANDA, Maria Irene. Pesquisa-ação escolar: uma alternativa de enfrentamento aos desafios educacionais. In: SILVA, Lázara Cristina da; MIRANDA, Maria Irene (Orgs.). **Pesquisa-ação: uma alternativa à práxis educacional**. Uberlândia: EDUFU, 2012.

NÓVOA, António. Relação escola-sociedade: novas respostas para um velho problema. In: SERBINO, Raquel et al. (Org.). **Formação de professores**. São Paulo: UNESP, 1996.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**. 2. ed. São Paulo: EXO Experimental, 2009.

SÁNCHEZ, Serdio A. Visualidade, produção de conhecimento e pedagogia da mirada. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). **Processos e Práticas de Pesquisa em Cultura Visual e Educação**. Santa Maria: Editora da Universidade Federal de Santa Maria, 2013. p. 345-370.



SANTOS, Cristiele Borges dos; CONTE, Elaine. Mini-Histórias: uma possibilidade de comunicação e aprendizagens sociais na Educação Infantil. In: CASAGRANDE, Cledes Antonio; JUNG, Hildegard Susana; FOSSATTI, Paulo (Org.). **Desafios e Práticas Docentes na Contemporaneidade: as séries iniciais em foco**. 1. ed. Canoas: Unilasalle, 2019, v. 1, p. 196-209.